

Barcellos mostra a Funaro crise do mercado de ações

Arquivo — 19/07/79 — Geraldo Viola



Sérgio Barcellos

O presidente da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, Sérgio Barcellos, apresentou ontem ao ministro da Fazenda, Dilson Funaro, o quadro de dificuldades enfrentado atualmente pelo mercado de ações e que está atingindo as corretoras de valores, as empresas responsáveis por negociar as ações nos pregões.

Os dados apresentados por Barcellos são o resultado parcial de um levantamento que o departamento técnico da Bolsa está realizando. Um exemplo: todas as corretoras deram prejuízo no segundo semestre do ano passado e deixaram de recolher mais de Cz\$ 140 milhões de Imposto de Renda nesse período. Essas empresas estão sobrevivendo dos lucros que acumularam nos seis primeiros meses de 86 e em anos anteriores.

A situação de insistentes quedas nas Bolsas de Valores em todo o país também está preocupando o governo. O diretor da Área de Mercado de Capitais do Banco Central, Luiz Carlos Mendonça de Barros, disse que "o governo está olhando com apreensão o que está acontecendo". Ele acha contudo que a solução terá que sair do próprio mercado. O atual nível das taxas de juros, segundo Medonça de Barros, é um fator de agravamento do mercado de ações, mas não é só isso. Ele acredita que existe um encilhamento no próprio mercado, provocado pelo fato de que poucas pessoas mantêm alguns grandes lotes de ações em seu poder, havendo assim uma certa expectativa: "O mercado sabe que essas pessoas vão ter que vender essas ações" e está aguardando. Para ele, isso será resolvido aos poucos. O dado favorável na atual situação, para o diretor do Banco Central, é que as ações estão com preços favoráveis, o que pode começar a estimular maiores volumes de negócios nas Bolsas.

As corretoras

No ano passado havia 73 corretoras operando no pregão da Bolsa do Rio. Este ano, uma simplesmente desistiu dessa atividade, a Marcelo Leite Barbosa, e outra, a Embracor, acumulou tantos prejuízos que ficou insolvente, sofrendo liquidação extrajudicial pelo Banco Central. A maioria começou a reduzir drasticamente seus empregados, justificando a medida com os prejuízos.

Em cada operação nas Bolsas, uma corretora ganha 0,5%. Com a derrocada, a partir do segundo semestre do ano passado, seus ganhos sofreram enormes quedas. Segundo esse levantamento da Bolsa, as corretoras pagaram em média Cz\$ 2 milhões ao fisco no primeiro semestre de 86. No segundo semestre, diante de seus resultados, nenhuma pagou qualquer centavo.

Outro dado apresentado ao ministro da Fazenda por Sérgio Barcellos: o conjunto das opções em poder do público e de seus controladores valia, até meados do ano passado, cerca de 75 bilhões de

dólares. Hoje, se fossem vendidas todas as ações existentes, o valor final seria de apenas 18 bilhões de dólares. Entenda-se que, nessa hipótese absurda, o comprador das ações com essa quantia tomaria posse integralmente de todo o parque siderúrgico brasileiro e de empresas como a Vale do Rio Doce e a Petrobrás.

Sérgio Barcellos também pediu ao ministro Funaro que o governo não adote qualquer medida no sentido de ajudar a bolsa a se recuperarem. Ele sugeriu apenas que o governo conclua a regulamentação de algumas medidas que estão em andamento na esfera governamental. A primeira é a regulamentação do Fundo Brasil, um recurso já utilizado pelo México para fortalecer suas bolsas e que permite a venda de ações no exterior.

A outra regulamentação pedida é a do Pait—Plano de Aposentadoria Individual do Trabalhador. Já foi assinado pelo presidente José Sarney, mas depende ainda de algumas normas complementares da Comissão de Valores Mobiliários (CVM). Outra sugestão foi a regulamentação do mecanismo de conversão da dívida externa em capital de risco. Segundo Barcellos, isso poderá representar um ingresso anual de 1 bilhão de dólares no país, através das bolsas.